

1260971

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 14071
Data 14 / 09 / 2009
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014071

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
PROJETO DE PESQUISA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

MARIA DIVINA BORGES OLIVEIRA

A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

PONTES E LACERDA

2009

37.045.2
0482
ex.01

MARIA DIVINA BORGES OLIVEIRA

Monografia de conclusão de curso de graduação
em Letras (DL) da Universidade do Estado de
Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes
e Lacerda, como requisito parcial para a
obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Selma de Albuquerque Cavalcanti
Kirsch

Pontes e Lacerda

2009

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

Profa. Selma de Albuquerque Cavalcanti Kirsch- Orientadora

Profa. Dra. Rosely Aparecida Romanelli

Profa. Ms. Vanessa Fabiola S. de Faria

Local e data da aprovação:

DEDICATÓRIA

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas:

A meus pais Antonio e Madalena, por terem acreditado que um diploma seria a melhor herança para mim, sem terem percebido que o melhor já tinham me dado, desde o princípio.

Ao meu esposo Vantuil e aos meus filhos Letícia e Clinton, que suportaram minhas ausências e foram o estímulo para que eu me sentisse capaz de superar todos os obstáculos.

A minha filha de coração Vanessa e meu netinho Eduardo, para quem deixo meu exemplo de que nunca é tarde para buscar o conhecimento.

As minhas irmãs Lourdes, Carminha e Márcia, para que minha conquista as impulsionem a buscar novos horizontes.

Ao meu irmão Zezinho que está distante mas sempre a torcer por mim, saiba que quando eu receber meu diploma, sentir-te-ei ao meu lado, e neste instante te abraçarei e deixarei fluir um misto de alegria e de saudade.

A todos meus amigos e familiares que sempre me incentivaram com palavras encorajadoras que me ajudaram a seguir em frente em meus ideais.

Agora me resta seguir em frente com a certeza de que valeu a pena os dias de angústia, de cansaço, de tédio e exaustão, na correria em busca de um sonho que hoje se torna real, essa vitória é também de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente porque na sua infinita bondade compreendeu meu anseio e deu-me coragem e ânimo para atingir meu objetivo. A Ele ofereço o meu porvir e peço forças e sabedoria para exercer com eficiência a função para a qual fui preparada.

Agradeço a minha mãe e meu pai a quem devo minha vida, minha formação moral e por terem despertado em mim desde a infância, a sede pelo conhecimento.

Sou muito grata ao meu esposo Vantuil e meus filhos Letícia e Clinton, que entenderam e aceitaram, mesmo contra suas vontades, a minha ausência em momentos de lazer, e outras ocasiões importantes quando o dever acadêmico me chamava.

Estendo minha gratidão aos meus irmãos por se alegrarem comigo a cada passo que dou rumo a minha realização, e especialmente minha irmã Carminha, meu exemplo de coragem e determinação, pelo companheirismo e pela contribuição me orientando na elaboração deste trabalho.

Aos mestres, que ao longo desta jornada passaram pelo meu caminho, contribuindo para minha formação com lições de saber que levarei por toda vida.

Agradeço em especial à professora Selma Kirsch, que além de me transmitir seus conhecimentos, com muita paciência, segurança e disponibilidade, acreditou em mim e soube me conduzir na elaboração desta produção científica.

Aos meus colegas de sala que contribuíram para que crescêssemos juntos na busca do conhecimento, e que me ensinaram que as dificuldades são cada vez menores quando as dividimos com o outro.

E finalmente, meus agradecimentos à Universidade do Estado de Mato Grosso, e ao Departamento de Letras, o qual oportunizou-me esta viagem pelo universo do conhecimento, através de seus docentes e demais colaboradores.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho.

Hoje, neste momento em que minha luta se concretiza, é para vocês que ofereço minha vitória e toda minha gratidão, recebam o meu sincero: **MUITO OBRIGADO!**

O ser humano é o mais complexo, o mais variado e o mais inesperado dentre todos os seres do universo. Relacionar-se com ele, lidar com ele, é por isso a mais emocionante das aventuras. Em nenhuma outra assumimos tanto o risco de nos envolver, de nos deixar seduzir, dominar, encantar....

(autor desconhecido)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 – O QUE É A PSICANÁLISE.....	11
1.1- O inconsciente.....	12
2 – A TRANSFERÊNCIA SEGUNDO FREUD.....	14
3 – A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA.....	17
4 – A TRANSFERÊNCIA NO PROCESSOS ENSINO-APRENDIZAGEM.....	20
5 - O DESEJO DE SABER E O AMOR TRANSFERENCIAL.....	24
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a possível interlocução entre a psicanálise e a educação, fazendo um recorte para tratar do encontro ou desencontro que se faz presente entre o aluno e o professor, favorecendo ou não a efetivação da aprendizagem. O objeto de nossa reflexão se concentra, portanto, em privilegiar como temática central o processo de transferência, a partir da psicanálise. Buscaremos também compreender como se dá o processo de transferência entre professor e aluno e suas principais implicações no processo ensino-aprendizagem. Pretendemos também com nosso trabalho, demonstrar a importância do entendimento da relação professor-aluno, à luz da psicanálise, considerando os processos inconscientes presentes nessa relação pela via da transferência, bem como contribuir principalmente com a comunidade escolar, favorecendo a criação de espaços de reflexão no seu cotidiano.

Palavras-chave: psicanálise, inconsciente, educação, transferência, professor, alunos.

INTRODUÇÃO

Elaboramos este trabalho partindo da suposição de que a relação pedagógica está implícita na relação humana, e que a educação desenvolve-se muito mais por aquilo que somos do que por aquilo que falamos ou expressamos sobre tal relação. Pensar a educação no âmbito da interação pressupõe, portanto, analisar uma nova direção no sentido de saber ser e não só de saber fazer. Esta análise estabelecida no processo de ensino, deve e pode ser considerada como uma relação transferencial que emana emoções e transfere desejos num movimento de pulsões no universo do inconsciente, compreendendo sentimentos de amor e de ódio que muitas vezes sobressaem como um movimento de resistência à aprendizagem.

Partimos para a execução deste trabalho impulsionados por uma inquietação em entender como se dá esse processo e buscar referências que pautassem esse estudo para melhor compreender sentimentos da trajetória de vida da pesquisadora, e trazendo elementos de sua história acadêmica fim de discutir a questão da transferência no ato educativo.

Esta pesquisa foi realizada a partir de dados bibliográficos, exclusivamente. Buscamos através dos mesmos, informações que possam nos auxiliar quanto o desenvolvimento deste trabalho.

Para estruturar teoricamente a proposta aqui apresentada, estaremos abordando aspectos relativos a transferência à luz de teóricos como Kupfer, Morgado, Aragão, Meireles, Etchegoyen, Freud, Kaufmann e outras leituras, as quais fazem relatos e críticas importantes sobre o assunto em questão.

O estudo proposto por esta pesquisa ocorrerá dentro de uma perspectiva psicanalítica. Freud foi quem elucidou o fenômeno transferencial, conceituando-o a partir de sua prática clínica. Segundo ele, a transferência é a revivência de algo antigo, vivido como se fosse atual, é a transferência de sentimentos amorosos ou hostis vividos anteriormente com as figuras paternas e que são posteriormente transferidos em outras relações.

Essa transferência não é um termo específico da psicanálise, é um vocábulo utilizado em diversos campos, denotando sempre uma idéia de transporte, de deslocamento, de substituição de um lugar para outro. Na teoria freudiana esse é um fenômeno psíquico presente em todas as relações humanas. É algo que acontece inconscientemente, onde o desejo inconsciente busca ligar-se a formas para esvaziá-las do seu valor real, colocando ali o sentido que nos interessa.

Em nosso trabalho estaremos analisando a transferência não dentro do espaço analítico, ou seja, na relação que se estabelece entre analista e paciente, mas veremos que ela

acontece, por extensão, na relação pedagógica. Pensaremos o processo de transferência prioritariamente no âmbito professor-aluno.

Visamos compreender como a psicanálise entende a busca pelo saber através da relação professor-aluno e seus desdobramentos que podem favorecer ou não o saber. Organizamos o presente trabalho em cinco capítulos:

O capítulo 1 traz uma visão global e definições a respeito de Freud e sobre sua teoria psicanalítica. O capítulo 2 aborda conceitos de transferência segundo Freud, como ela se constitui e algumas reflexões sobre a transferência nas relações humanas. No terceiro capítulo, discutimos a transferência na relação pedagógica e portanto, a relação professor/aluno. Finalizando, o capítulo 5 apresenta os estudos sobre o desejo de saber e o amor transferencial operado pelo processo da identificação. Fecha-se então este trabalho com as considerações finais.

1 – O QUE É A PSICANÁLISE

A psicanálise surgiu na década de 1890, com Sigmund Freud, um médico psicanalista que tinha como formação primeira, a de ser um homem da ciência, interessado em encontrar um tratamento efetivo para pacientes com sintomas neuróticos ou histéricos, mas, através dos relatos de seus pacientes, ele percebeu que os sintomas e as doenças que eles tinham não pertenciam ao âmbito corporal, do biológico, que os sofrimento que eles sentiam estavam ligados ao psíquico, ao discurso que eles apresentavam sem saber o que diziam. Assim, Freud se dedicou à compreensão do modo de ser do homem, tendo como principal objeto de estudo o inconsciente.

Rubem Queiroz Cobra em seu artigo “A Psicanálise”(2003), diz que a Psicanálise tem uma duplicidade pois é ao mesmo tempo um modo particular de tratamento do desequilíbrio mental e uma teoria psicológica que se ocupa dos processos mentais inconscientes; segundo ele a Psicanálise é uma teoria da estrutura e funcionamento da mente humana e um método de análise dos motivos do comportamento; uma doutrina filosófica e um método terapêutico de doenças de natureza psicológica supostamente sem motivação orgânica.

Maria Cristina Machado Kupfer na obra “Freud e a educação: o mestre do impossível” (2004) conceitua que a psicanálise é um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento. A aceitação de processos psíquicos inconscientes, o reconhecimento da doutrina da resistência e do recalque e a consideração da sexualidade e do complexo de Édipo são os conteúdos principais da psicanálise e os fundamentos de sua teoria.

Speller em sua obra “Feminino, Psicanálise e Educação: Do impossível ao Possível” (2005), diz que a psicanálise por tratar-se de uma técnica de tratamento cujo o maior recurso é analisar o indivíduo, é indicada para todos os clientes que apresentem algum sintoma como, por exemplo, depressão, stress, impulsividade, sentimento de culpa, complexos, traumas, tristeza e dificuldades em função de relacionamentos em geral, sintomas corporais sem causas especificadas, obsessões, medos, crises de ansiedade, dificuldade de aprendizagem, problemas sexuais de origem emocional, pânico, transtornos de humor e de personalidade, uso abusivo de álcool e drogas, relacionamentos conjugais, dentre outros.

A mesma autora, no artigo “Psicologia da Aprendizagem”(2004), enfatiza que depois da descoberta de Freud, a humanidade não foi mais a mesma, pois a partir desse momento, houve um abalo em seu ser, e cada um descobriu que não era dono de toda situação sobre sua

vida, já que haviam escolhas que estavam relacionadas não com sua consciência e sim com seu inconsciente.

Uma característica importante da Psicanálise, que a diferencia radicalmente de todas as outras escolas, é que seu objeto de estudo é o inconsciente.

1.1 – O INCONSCIENTE

Etchegoyen em seu livro “Fundamentos da Técnica Psicanalítica”(2004), faz algumas considerações acerca do inconsciente. Para ele o conceito de inconsciente fora usado por Leibniz 200 anos antes de Freud, também sendo usado por Hegel para construir sua dialética hegeliana.

Segundo Etchegoyen, a originalidade do conceito de Inconsciente introduzido por Freud deve-se à proposição de uma realidade psíquica, característica dos processos inconscientes. O Inconsciente, conforme elaborado por Freud, diz respeito a uma instância psíquica na constituição da personalidade. Não é possível, para ele, abordar diretamente o Inconsciente, o conhecemos somente por suas formações: atos falhos, sonhos, chistes e sintomas. Diz ainda que o inconsciente é quem introduz na imensidão da consciência uma opacidade. Isto indica um modelo no qual a consciência aparece, não como instituidora de significatividade, mas sim como receptora de toda significação desde o inconsciente.

Freud em “A interpretação dos sonhos”(1900), inicia seu pensamento teórico sobre inconsciente assumindo que não há nenhuma descontinuidade na vida mental. Ele afirmou que nada ocorre ao acaso e muito menos os processos mentais, que há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente, e é determinado pelos fatos que o precederam. Uma vez que alguns eventos mentais “parecem” ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente a outro.

Segundo Speller (2005), foi escutando seus pacientes que Freud descobriu que além das palavras que eles proferiram algo a mais era revelado, era a verdade inconsciente de cada um. E através dessa escuta apurada, desse desejo dele em analisar tudo o que ouvia, ele entendeu que um esquecimento não era somente uma falha de memória, que um lapso não era somente um equívoco de comunicação, que os sonhos tinham um significado e que cumpriam uma função.

De acordo com Speller:

Freud dizia que a Psicanálise havia aberto uma terceira ferida na vaidade do ser humano, ao revelar que ele não era senhor nem em sua própria casa, pois os processos inconscientes denunciavam um sujeito dividido, cindido, ignorante de suas próprias verdades, das determinações inconscientes, de suas escolhas, pensamentos, atos. (p.59)

Compreendemos que o inconsciente faz parte de um obscuro da mente humana que faz com tenhamos que conviver com um universo desconhecido dentro de nós mesmos, uma outra personalidade atuante, em conjuntura com nossa consciência, mas com liberdade de associação e ação.

Conforme Speller, o nosso inconsciente é o representante de tudo o que corresponde nossa história, ele é o reservatório das marcas e palavras recebidas e ouvidas desde o útero materno, trazendo consigo as marcas concebidas na infância através da herança de comportamentos e costumes de sua família.

Além da descoberta do inconsciente, Freud formula uma outra teoria ao analisar seus pacientes, a qual foi denominada por ele de Transferência.

2 – A TRANSFERÊNCIA SEGUNDO FREUD

Etchegoyen (2004), define transferência como o deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado para pessoas do nosso presente, executada pelo nosso inconsciente. Para a teoria freudiana, esse fenômeno é fundamental para o processo de cura.

Freud afirmou que a ligação emocional que o paciente desenvolvia em relação ao analista representava a transferência do relacionamento que aquele havia tido com seus pais e que inconscientemente projetava no terapeuta. O impasse que existiu nessa relação infantil criava impasses na terapia, de modo que a solução da transferência era o ponto chave para o sucesso do método terapêutico. Mesmo demorando a considerar a questão inversa (a da atratividade do terapeuta para o paciente), esse problema se manifestou tão cedo quanto ainda ao tempo das experiências de Breuer (médico psicanalista e amigo de Freud), que teria se deixado afetar sentimentalmente por sua principal paciente.

As transferências, segundo Freud, afirma Morgado são reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise em que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Podemos dizer também que é uma série de acontecimentos psíquicos que ganham vida novamente, agora não mais como passado.

Kupfer (2004), diz que Freud mencionou a palavra “transferência” pela primeira vez em “A interpretação dos sonhos” (1900), onde citava que o sonho era a transferência dos restos dos acontecimentos diurnos que eram modificados durante o sono se tornando sonhos. Mas foi a partir de 1905 que ele começou a fazer elaborações sobre esse conceito. Vejamos aqui o que Freud diz a respeito:

Que são Transferências? São novas edições, ou fac-similes dos impulsos e fantasias que são criadas e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade, que é característica de sua espécie: substitui uma figura anterior pela figura do médico. Em outras palavras: é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicadas a pessoa do médico no momento presente. (Freud, 1905, v. VII, p. 113).

A transferência, inicialmente ocupava um lugar periférico no processo de cura em psicanálise, posteriormente há um redimensionamento dessa teoria que passa a ocupar um lugar mais importante; perde destaque como um fenômeno universal, como um processo, e passa a ter um espaço próprio e importante dentro da construção da teoria psicanalítica. A

partir de 1905 Freud fez várias elaborações sobre esse conceito nos Artigos sobre a técnica, o que concretizou com a publicação do artigo "A dinâmica da Transferência" (1912) onde ele conceitua da seguinte forma:

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nas pulsões que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. Isso produz o que se poderia descrever como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido – constantemente reimpresso – no decorrer da vida da pessoa, (...) e que decerto não é inteiramente incapaz de mudar, frente a experiências recentes. (p. 111).

De acordo com a citação de Freud, podemos compreender que na transferência existe uma repetição de vivências do passado relacionadas às figuras parentais e não somente recordações.

Freud escreve em seu livro "Além do Princípio do Prazer" (1920), que a transferência é o resultado de uma repetição, de uma demanda de amor de forma compulsiva, demanda de amor não gratificada no passado, reconhece o caráter repetitivo da transferência que é atualizada em relação a um sujeito no aqui e agora, o que foi vivenciado com alguém do passado, portanto podemos entender que a transferência está na fronteira entre o desejo e o amor, um amor transferencial.

Morgado(1995), diz que Freud denominou de transferência esse processo psicológico que atualiza o protótipo da relação original. Trata-se de transferir para a nova relação os sentimentos e as expectativas depositadas em uma relação passada. Para ela, a atualização transferencial e um dos sentimentos a ele vinculados, normalmente sofrem a influência das condições atuais de modo que a nova relação não se estabelece exatamente como a relação original. Ela nos explica que o método básico da Psicanálise é a interpretação da transferência e da resistência com a análise da livre associação. O analisado, numa postura relaxada, é solicitado a dizer tudo o que lhe vem à mente, sonhos, esperanças, desejos e fantasias são de interesse, como também as experiências vividas nos primeiros anos de vida em família.

Geralmente, o analista escuta, fazendo comentários somente quando no seu julgamento profissional visualiza uma crescente oportunidade para que o analisando torne consciente os conteúdos reprimidos que são supostos, a partir de suas associações. Escutando o analisado, o analista tenta manter uma atitude empática de neutralidade. Uma postura de não-julgamento, visando a criar um ambiente seguro.

Morgado diz também que, a transferência pode ser positiva ou negativa, mantendo na relação uma ambigüidade. A transferência positiva é aquela de sentimentos afetivos e de sentimentos eróticos, mas ao seu lado pode operar a transferência negativa de sentimentos hostis dirigidas a mesma pessoa pela qual se tem a transferência positiva.

* Maria Cristina Kupfer em "Freud e a Educação, o mestre do impossível" (2004), diz que processo de transferência vai além do campo da relação terapêutica, ele pode ser observado nas mais diversas formas de relações humanas. Podemos pensar até numa possível analogia da relação analista-paciente com a relação professor-aluno. Consideramos muito importante que o professor tenha delicadeza para trabalhar este aspecto, uma vez que, principalmente, com os adolescentes as manifestações amorosas comumente podem surgir.

3 – A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Pensar sobre uma conexão entre psicanálise e educação, provoca uma reflexão sobre tal possibilidade. Os dois campos são diferentes a começar pelos objetos de interesse e pelos sujeitos que demandam esses saberes. O objeto da psicanálise é o inconsciente e o funcionamento do aparelho psíquico, e o da educação é o conhecimento. O psicanalista é o analista e o professor, o educador.

Para Kupfer (2004), a psicanálise está se constituindo em um conhecimento novo. Ela não pode fazer o papel de educação e não pode ser considerada a salvação para todos os problemas educacionais, mas ela pode sim auxiliar no maior conhecimento do funcionamento mental e inconsciente dos sujeitos envolvidos nesse processo. E cabe à escola, buscar a psicanálise como um instrumento a mais para a educação, pois pensamos que seria possível à instituição escola entender e assumir as idéias que conduzem a psicanálise, para assim, fazer um ensino mais efetivo, conquistando o interesse dos alunos. Porém, entendemos que serão necessários muitos estudos, como é o caso da proposta do presente trabalho, para que as escolas encontrem uma forma para essa aplicação, ou seja, a utilização dos ideais psicanalíticos na prática pedagógica.

Não estamos propondo aqui que os professores tenham, de repente, que se tornarem analistas, mas para que enriqueçam suas reflexões sobre sua prática com novos saberes que o ajudem a compreender as possibilidades e os limites de sua profissão.

Kupfer considera que as obras de Sigmund Freud, centrada inicialmente na terapia de doenças emocionais, também veio contribuir em muito na área social e na pedagogia, pois o ato de educar está intimamente relacionado com o desenvolvimento humano, especialmente do aparelho psíquico. Ela diz que “Freud acalentava o sonho de que um dia a Psicanálise pudesse ser colocada a serviço da sociedade como um todo e, principalmente, da educação”. (p.07). Partindo dessa perspectiva, percebemos que a psicanálise pode ser fundamental para entendermos a funcionalidade do fenômeno de ensinar-aprender, bem como para entendermos o funcionamento dos processos educacionais e assim podermos analisar como se dá a relação professor-aluno.

Conforme o que diz Kupfer, embora Freud não tenha efetuado muitas formulações diretas sobre a educação, após entrarmos em contato com suas obras encontramos várias considerações a esse respeito. Através das reflexões feitas pelo psicanalista, podemos entender melhor enquanto educadores, como se processa em nossos educandos o desenvolvimento emocional e mental.

A Psicanálise mostra que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que tem muita importância no âmbito emocional influenciam sobremaneira comportamentos posteriores. O que pode ser analogamente comparado com a relação existente entre professor e aluno.

Quanto mais o professor buscar se reconhecer no processo pedagógico, mais facilmente ele poderá lidar com as manifestações transferenciais na sala de aula, possibilitando o crescimento dos alunos, bem como o seu próprio. É necessário que o professor observe os seus alunos, para que possa entender as suas condutas e não fazer julgamentos precipitados.

A partir dessa perspectiva temos uma belíssima produção de Freud que trabalha esta questão aqui abordada. Freud (1914) em seu texto “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar”, levanta a questão sobre a importância da relação professor- aluno, questionando se o que exerce maior influência para o educando é a disciplina estudada (conteúdo) ou a personalidade do professor:

“(...) é difícil dizer se o que teve mais influencia sobre nós e teve importância maior foi a preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós, e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada, e para uns poucos – porque não admitir outros tantos? – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada”. (v. XIII, p 286).

Na visão de Freud (1914), ao que parece, a personalidade do professor exerce mais influência no aluno do que a disciplina estudada, o que é mais importante não é o discurso ou o método do educador e sim o que ele é e sente, pois qualquer método pedagógico tem a intensidade relacionada ao valor pessoal de quem o utiliza.

Nesse sentido, percebemos que na relação dos alunos com os professores o vínculo estabelecido traduz claramente uma experiência passada. Se puxarmos pela memória, todos nós, certamente nos lembramos de alguns professores que deixaram marcas mais ou menos profundas em nossas memórias. Quem não se lembra de uma professora a quem sempre levava uma flor, uma maçã? E quem não se lembra da antipatia que sentia por um determinado professor e não sabia bem por que, talvez porque ele gritava muito feito a mãe? Quem não passou a gostar muito de uma disciplina porque adorava seu professor? E também, que professor já não sentiu antipatia por um aluno, sem entender por que? E por aí vai...

Conforme já foi dito anteriormente, a transferência é uma manifestação inconsciente, e como tal, pode nos deixar em armadilhas, pois através da transferência podemos nos inclinar ou rejeitar pessoas que estão a nossa volta sem aparentemente sabermos o porquê.

Dessa forma, sentimentos de simpatia ou de rejeição gratuitos que tanto o professor pode sentir em relação a algum aluno, assim como algum aluno em relação ao professor, podem ter origem nessa premissa, já que “os relacionamentos posteriores são obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional (...). Todas as escolhas posteriores de amizade e de amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos” (Freud, p.287).

Nesse sentido, compreende-se que a personalidade do professor e a afeição dada a ele por parte do aluno têm relevante importância no processo ensino-aprendizagem. Fica claro que o professor é aquele que vai além de transmitir conhecimentos. Estabelece-se entre professor e aluno, uma relação afetiva, que traz no seu interior uma profunda admiração até entendendo o professor como modelo com quem o aluno se identifica.

Portanto, apesar de o professor não ser um analista, campos transferenciais ocorrem entre ele e seus alunos, e é essencial que o professor conheça este conceito, para entender as implicações de seu lugar na sua profissão. Lidar com gente, não implica somente saber um conteúdo e utilizar uma metodologia correta para ensinar. Processos transferenciais inconscientes estão em jogo no processo de aprendizagem, e não só numa análise.

4 – A TRANSFERÊNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A busca por pressupostos que clarifiquem a relação professor-aluno, no que tange o processo de transferência e suas implicações na aprendizagem, parte-se da premissa freudiana de que transferência é uma manifestação inconsciente, onde protótipos infantis são revividos com uma sensação de atualidade, onde o aluno transfere as experiências vividas primitivamente com os pais para a pessoa do professor. Portanto, mais além da figura pessoal do professor, ele vai representar, para o aluno, uma função, substituindo nesse momento, as figuras parentais e/ou pessoas que lhe foram importantes, representando então um lugar idealizado, de saber e poder.

Segundo Kupfer (2004), o professor entra em cena na vida do aluno geralmente na segunda metade da infância, momento pelo qual a criança está começando a relativizar a opinião original que tinha pelos pais, o que torna-os ocupadores da posição como “pais substitutos”. Tanto é verdade que, transferem-se para estes o respeito e as expectativas ligadas ao ideário do pai na infância, tornando os professores como herdeiros de inclinações carinhosas ou agressivas antes dirigidas aos pais.

Sabemos que o ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa: aquela que ensina. Nessa situação professor é colocado pelo aluno numa determinada posição que pode ou não facilitar a aprendizagem. Consideramos que a relação estabelecida entre professores e alunos constitui a base do processo pedagógico.

Algumas práticas são essenciais para que se estabeleça e se mantenha uma boa relação professor-aluno, como por exemplo, professores que buscam levar seus alunos à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta. Pode ser dito que esses professores estimulam o “pensar bem”. Acreditamos que professores comprometidos com a produção do conhecimento em sala de aula, conseguem desenvolver com seus alunos um vínculo estreito de amizade e de respeito mútuo, sentimentos esses que são, sem dúvida fundamentais para desenvolver bem a aprendizagem.

Segundo Gerson Marinho Falcão, na obra “Psicologia da aprendizagem”, o professor é um exemplo que influencia o comportamento dos alunos. Certas qualidades do educador como paciência, dedicação, carinho, amizade e atitude democrática ajudam na aprendizagem.

Segundo Meireles(2006), ao tratarmos de relacionamento entre professor e aluno a natureza e a intensidade dos afetos vividos na transferência favorecerá ou não os objetivos da relação, qual seja, a aprendizagem. Podemos afirmar que a noção de que no processo de

transferência, o aluno reedita tanto sentimentos positivos de afeição, transferência positiva; quanto, sentimentos negativos, de hostilidade, transferência negativa.

Na maioria das vezes a transferência de sentimentos de ternura predispõe o aluno cooperar com o professor, segundo Meireles (2006):

Nela não existe lugar para a expressão direta das pulsões hostis, presentes, mas sublimadas na pulsão do saber. Na consciência, manifestam-se apenas os sentimentos de afeição e respeito que canalizam as energias do aluno para o trabalho intelectual. (MEIRELES, 2006, p.30)

O contrário do que aqui acaba de ser considerado pelo autor acontece quando os sentimentos para com o professor são de hostilidade, o que pode resultar numa tendência a resistir ao processo de aprendizagem. O professor, por sua vez, também poderá transferir conteúdos inconscientes aos seus alunos; é o que se denomina contratransferência. Assim sendo, um professor pode tornar-se a figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno por que é objeto de uma transferência. Esta é a visão de Freud sobre a transferência na relação analítica e, por extensão, na relação pedagógica.

Vale salientar que, uma situação de contratransferência do professor normalmente poderá repercutir negativamente na aprendizagem do aluno. Pensamos que na ocorrência de uma experiência dessa natureza, é muito importante que o professor mantenha a calma, e que conte com a presença de um outro profissional, quer seja, o coordenador, orientador ou mesmo um outro professor a fim de tentar conciliar a situação minimizando o mal-estar que sempre se instala.

Morgado (1995), faz uma reflexão sobre aquilo que vem a ser o ofício do professor em sala de aula. Lembra ela que o professor encontra-se frente as diversas maneiras de sedução, sem que estas, muitas vezes, podem acontecer de maneira sutis não sendo levadas a ato consciente do professor. Essa sedução, ou melhor, a sedução aqui tratada, tem uma abrangência que pode ser desde as relações amistosas e afetivas, até as inimizades, que incluem cólera, raiva, etc...

Para Morgado:

A sedução não é um processo intencional e consciente. O vínculo transferencial se estabelece sem que o professor e o aluno percebam. Privilegio o pólo do professor porque ele representa uma figura de autoridade, o que implica a relação transferencial, na qual ele pode ou não seduzir contratransferencialmente. (p. 38)

Partindo do pressuposto Psicanalítico que, na sala de aula, o aluno revive a relação original entre pais e filho transferindo para o professor todo o amor ou hostilidade que teve de abrir mão, para cumprir seu papel, o professor enquanto tal precisa considerar os sentimentos transferenciais, sem corresponder a eles, focalizando seu trabalho na tarefa de ensinar direcionando a atenção do aluno para a 'atividade intelectual. O professor efetiva sua autoridade pedagógica quando rompe a dominação que a autoridade original exerce sobre o aluno, sendo que a única maneira de fazê-lo é não atender à sedução de ocupar o seu lugar.

Podemos observar de acordo com ela que se a relação analítica é esclarecedora para que possamos compreender as relações sociais em geral, ela é também esclarecedora para a compreensão da transferência nas relações de autoridade. O protótipo da relação de autoridade remonta a relação original pela falta de defesa da criança. Essa relação se dá também em sala de aula. Vejamos o que afirma Morgado (1995):

A relação pedagógica também se desenvolve em um contexto bastante similar ao da relação original. A sociedade e a instituição educacional outorgam autoridade formal ao professor, independentemente de sua competência real para ensinar; do mesmo modo confere aos pais autoridade para educar seus filhos.(p.33)

Morgado afirma ainda que o professor enquanto sedutor, enquanto autoridade real atualiza a revivescência do processo de vinculação a autoridade original. Já o aluno enquanto seduzido, de acordo com o desenvolvimento da sua sexualidade na infância está mais ou menos a mercê da sedução do professor.

A sedução do aluno, portanto, se manifesta através de alguns mecanismos objetivos, tais como o cumprimento de tarefas, a antecipação à correspondência do desejo da professora, a subordinação às suas solicitações e também a submissão, velada ou explícita, às suas ordens. Há também um outro mecanismo de sedução, presente na relação professor - aluno, que se configura como sendo bastante objetivo e direto: os mecanismos de obtenção de atenção que os alunos acionam em relação às suas professoras. Solicitando a atenção da professora, eles pedem explicitamente seu olhar, seu reconhecimento. Quando a atenção é dada ao aluno, ele ganha um lugar privilegiado na sala, outorgado pela autoridade máxima que está ali presente, da qual ele depende objetiva e subjetivamente. Assim, receber a atenção da professora é ser amado por aquela que substitui, na escola, as primeiras referências de autoridade e de garantia de amor, isto é, os pais.

Além da eficiência nas tarefas, os alunos mostram seu esforço em comportar-se adequadamente, de acordo com o que a professora espera deles, o que se manifesta numa certa submissão dos alunos. Mesmo quando descumprem as ordens da professora, os alunos tentam esconder a desobediência. Neste sentido, submetem-se ao perfil ideal de aluno, afirmando a identificação com o modelo proposto e garantindo seu lugar de sedutor, isto é, lugar daquele que é adequado e por isso recebe aprovação e reconhecimento social e afetivo.

Kupfer (2004), sustenta essa premissa ao considerar que a relação professor aluno pode reproduzir, segundo as leis do inconsciente, uma relação transferencial imaginária, especular no qual o aluno se submete a lei do desejo do mestre para ser reconhecido e amado.

5 – O DESEJO DE SABER E O AMOR TRANSFERENCIAL

Conforme já vimos em Kupfer (2004), a transferência é algo que acontece inconscientemente, onde o desejo inconsciente busca ligar-se a formas (o professor), para esvaziá-la do seu valor real, colocando ali o sentido que nos interessa. Instalada, o professor torna-se depositário de algo que pertence ao aluno. Este, contudo, não é um lugar fácil de suportar, pois o professor também é um sujeito desejante com vida própria.

Assim, o conceito de transferência mostra que aquele professor em especial foi investido pelo desejo do aluno. O desejo transfere sentido e poder à figura do professor, que funciona como um mero suporte esvaziado de seu sentido próprio enquanto pessoa. Esse desejo e seu sentido remetem sempre ao professor. Quando o professor cede a esta tentação, cessa o poder desejante do aluno.

Morgado (1995), corrobora com a idéia de Kupfer e atribui ao professor a tarefa de ensinar com paixão, guiado pelo desejo, esforçando-se para organizar, articular, tornar lógico seu campo de conhecimento e transmitir a seus alunos um referencial possível de ser seguido. A relação professor-aluno é atravessada por afetos de amor e ódio. Nossas relações são ambíguas com nossos pais, com nossos filhos, com marido ou esposa, com nossos professores e com nossos alunos.

Segundo Morgado, o professor é tanto quanto os pais um modelo de identificação e admiração aos alunos. Quem ensina oferece-se como modelo identificatório. Não se aprende por imitação, querendo fazer o que o outro faz, aprende-se querendo parecer-se com quem nos ama e com quem amamos. Isso implica numa responsabilidade maior por parte do professor.

O professor deve assim, atentar-se para estimular situações de envolvimento com os alunos, de aproximação, de contato, além de dedicar todo um cuidado à sua apresentação. Ele não deve considerar-se como um sujeito petrificado com a simples tarefa de transmitir conhecimentos para alunos-objetos, podendo desprover-se de quaisquer responsabilidades além do conteúdo. Os alunos que ali estão trazem seus históricos inconscientes, impulsos e forças reguladoras, além de forças identificatórias desejosas por referenciais a construir.

Morgado(1995), aborda essa questão da identificação com um conceito que ocupa, segundo ela um lugar central na obra de Freud. A autora em uma citação do próprio Freud conceitua a identificação da seguinte forma:

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha

um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal" (Freud, v.XVIII, p.133).

Hall-Lindzey em "Teorias da Personalidade" (1984), também define a identificação como um processo psicológico pelo qual o sujeito assimila um atributo do outro e procura inconscientemente portar segundo o modelo desse outro, assumindo características do outro e incorporando-as à sua própria personalidade. E diz também que na sala de aula, onde as relações são estreitadas, é criado um espaço de fundamental importância na constituição da identidade do aluno e também do professor, uma vez que ao se relacionarem, professor e aluno atualizam outras relações experimentadas fora desse espaço e constituem-se reciprocamente enquanto sujeitos identitários, apesar de ser um processo psicológico inconsciente.

Conforme Hall-Lindzey, na sala de aula, a identificação dos alunos com o professor se manifesta, por exemplo, na imitação do lugar autoritário. Alguns alunos assumem o lugar do professor e repreendem os colegas de forma autoritária quando eles não se comportam de acordo com as regras da sala de aula. Nesse contexto, a identificação prova que os alunos aprenderam bem a lição ensinada pelo professor, isto é, internalizaram as regras propostas por ela, absorveram-lhe os valores, tornando-os seus. As lições ensinadas na sala de aula, portanto, não se restringem aos conteúdos científicos, previamente planejados, mas incluem também valores, comportamentos, significados afetivos. Neste sentido, a relação professor-aluno se apresenta como um espaço intersubjetivo permeado de elementos emocionais, afetivos, os quais contribuem na constituição da subjetividade dos implicados nela, especialmente do aluno.

Compreende-se portanto, que é no processo transferencial que se confirma a relação do aluno com o saber. Para Morgado (2005), esse processo de transferência perpassa pelo campo da sedução e do desejo especificamente aqui, na relação pedagógica que acontece sobre os personagens de sedutor, no caso o professor.

De acordo com Morgado em detrimento as demandas pulsionais não concretizadas, todos nós temos em maior ou menor grau suas carências afetivas. Por essa razão as pessoas estabelecem relação entre as relações presentes e as anteriores. Ela diz:

(...) a tentativa de resgatar a satisfação adiada, através da reimpressão do protótipo na relação atual, é um fenômeno que ocorre em qualquer tipo de relação humana. Necessariamente vinculado à configuração da estrutura libidinal, o fenômeno é responsável pela maneira particular de cada um se

colocar nas novas relações; pela maneira de cada um enfrentar a realidade. (p. 63)

A posição em que o professor se encontra, como se pode ver, não é um lugar fácil de se sustentar, pois nele estão depositadas projeções alheias a ele enquanto pessoa. O professor ignora sobre esse lugar que lhe é outorgado pelo aluno, pois é o desejo inconsciente desse aluno que está determinando o lugar a ele conferido.

Speller (2005), vem confirmar nosso entendimento quando diz, "...ao professor é atribuído um poder que caracteriza a sua autoridade, ou seja, a autoridade do professor não é imposta ao aluno, mas outorgada ao professor pelo próprio aluno" (p. 138). Essa autoridade não é algo consciente, que dependa do querer do professor, é algo da estrutura mesma do encontro entre duas pessoas, ou seja, quando se tem uma desigualdade entre elementos, principalmente em relação ao saber, tem-se uma relação de elementos em que um está na posição de saber para o outro. Nesse sentido, lida-se com o fenômeno da transferência.

Para a psicanálise, o desejo de saber origina-se da curiosidade sexual, e a atividade intelectual depende da identificação com o outro, nessa relação está implicada uma relação de amor, uma relação afetiva. E esse ato de transferir ou ceder na relação professor-aluno atribui um sentido ainda mais amplo no que diz respeito ao desejo. Na relação professor-aluno, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se liga a um elemento particular, no caso, a pessoa do professor. Mediante isso se um aluno por alguma razão, consciente ou não, não se sente à vontade com determinado professor é possível que sinta dificuldades em aprender conteúdos que emanem desse professor. Neste caso, o aluno pode ter transferido algo negativo para a figura deste professor, que passou a ocupar um lugar de recusa na psique desse aluno, um lugar que nunca foi da pessoa real do professor, mas que por alguma razão, passa a ocupar devido à transferência do aluno.

Sendo assim, o professor, deve buscar firmar sua identidade, sua postura profissional em sala de aula, buscando estabelecer uma boa relação com os seus alunos, facilitando seu trabalho e conseqüentemente a aprendizagem.

Como já vimos anteriormente, a transferência na relação professor-aluno tanto pode produzir resultados positivos quanto negativos, pois o professor e aluno formam um par complementar complexo e dinâmico. As dificuldades de aprendizagem não podem ser focalizadas apenas no aluno, é preciso investir tanto no aluno como no professor para que não se instale um círculo vicioso: "professor-problema, aluno-problema", pois diante de tudo o grande prejudicado normalmente será o aluno.

Com base em todas os estudos que realizamos para a elaboração deste trabalho, entendemos que as teorias de Freud podem ser aplicadas ainda hoje na educação. Cada vez mais é preciso revê-las para entender como se processa o desenvolvimento do aluno tanto emocional quanto mental. Ainda temos uma educação que infelizmente, na maioria das escolas, os alunos são tratados como iguais, usando metodologias que ignoram as diferenças, e os professores muitas vezes não conseguem analisar mais profundamente as causas de determinados fracassos escolares, que podem estar ligados mais a problemas emocionais que a metodologias equivocadas que não respeitam a forma de construção do pensamento e as etapas evolutivas dos educandos.

Consideramos enfim, que as obras de Sigmund Freud, centrada inicialmente na terapia de doenças emocionais, também vieram contribuir em muito na pedagogia, pois o ato de educar está intimamente relacionado com o desenvolvimento do aparelho psíquico. Através das reflexões feitas pela psicanálise, podemos entender melhor o campo que estabelece na relação entre professor e aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, partindo das leituras sobre transferência, teve como proposta inicial investigar a constituição dos vínculos afetivos entre professora e aluno numa visão psicanalítica. As pesquisas têm confirmado que é basicamente através da transferência que se estabelece o vínculo entre professor e aluno, e que esse vínculo se fortalece, e conseqüentemente traz um desenvolvimento mais sólido e eficiente.

Freud em seus estudos através da Psicanálise mostra que as atitudes emocionais dos indivíduos para com outras pessoas que tem muita importância no âmbito emocional influenciam sobremaneira comportamentos posteriores. O que pode ser analogamente comparado com a relação existente entre professor e aluno.

Para Meireles, a transferência de sentimentos de ternura predispõe o aluno cooperar com o professor, e ao contrário quando os sentimentos para com o professor são de hostilidade, pode resultar numa tendência a resistir ao processo de aprendizagem.

Acreditamos que o relacionamento positivo entre professor e aluno é a base para um bom desenvolvimento na escola, como foi mostrado pelos resultados obtidos neste trabalho. Por outro lado, os que não mantêm esse relacionamento demonstram dificuldades na aprendizagem.

Compreendemos também que o professor deve estar sempre atento à relação de transferência que o aluno estabelece entre eles, saber utilizar desta como ferramenta ao bom desempenho no processo ensino-aprendizagem sem deixar que isso interfira na sua autoridade enquanto professor, tampouco influenciar negativamente na vida emocional do aluno.

Sabemos que o professor não é um analista, mesmo assim transferências acontecem entre ele e seus alunos, sendo de suma importância que ele conheça esse conceito para que possa entender as implicações em sua profissão, ao lidar com seus alunos e não somente saber o conteúdo e utilizar a metodologia adequada para ensinar. Acreditamos que quanto mais o professor buscar reconhecer a importância da psicanálise no processo pedagógico, mais facilmente ele poderá lidar com as manifestações transferenciais e contratransferenciais na sala de aula, possibilitando o crescimento dos seus alunos, bem como o seu próprio. É necessário que o professor observe seus alunos, para que possa entender suas condutas e não fazer julgamentos precipitados.

Compreende-se que investir na formação do professor é o passo que a escola deve dar para lidar com a questão da transferência que vai além das teorias estabelecidas para o ensino. Reconhecer o aluno como alguém que deseja e transfere emoções inconscientes deveria ser

uma exigência para a formação do professor, para que este possa reconhecer que no aluno existem emoções para serem tratadas e resolvidas.

Enfim, fica evidente a importância que tem para os educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor. A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando os sentimentos afetivos, sociais e não apenas cognitivo como elementos fundamentais no desenvolvimento dos educandos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARAGÃO, R.O – Psicanálise e educação: conflito ou conciliação. Em R. Bucher e S.F.C de Almeida (coords.) *Psicologia & Psicanálise: desafios* (pp.33-39). Brasília, Editora Universidade de Brasília. 1993.
- ETCHEGOYEN, R. Horacio. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica* - 2ª Edição, Editora: Artmed, 2004.
- FALCÃO, Gérson Marinho. *Psicologia da Aprendizagem*. S. Paulo: Ática, 1991.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. A Dinâmica da Transferência, [1912], Op cit., idem.
- _____. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar, [1914], Op. cit., v. XIII.
- _____. Observações sobre o Amor Transferencial, [1915], *in* ESB, op. cit, v. VII
- _____. Além do princípio do prazer [1920], op. Cit., v. XVIII
- _____. A interpretação dos sonhos, [1900], op. Cit., v. I
- HALL, Calvin S., e LINDZEY, Gardner (1909). *Teorias da Personalidade*. Tradução e revisão técnica de Maria Cristina Machado Kupfer. São Paulo: EPU, 1984.
- KAUFMANN, P. – *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KLEIN, Malanie e outros. *Formas de Psicanálise Aplicada*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2002.
- KUPFER, M, C. – *Freud e a educação – o mestre do impossível*. 3ª ed. São Paulo. Scipione, 2004.

MEIRELES, H. M. O Essencial que é invisível aos Olhos. São Paulo: Revista Psicologia Brasil n. 32, 2006.

MORGADO, M. A. Da sedução na relação pedagógica: Professor-aluno no embate com efeitos inconscientes. São Paulo: Plexus, 1995.

MORGADO, M. A. Contribuições de Freud para a Educação. In: MAHONEY, A. A. & PLACCO, V. V. N. S. Psicologia & Educação: revendo contribuições. São Paulo. Educ. 2002.

Revista Psicologia Reflexão e Crítica, fascículo 3. Texto de Maria Augusta Rondas Speller "Psicanálise e Educação". Universidade do Estado de Mato Grosso- Núcleo de Educação Aberta e a Distancia, Cuiabá, 2005.